

OS ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL DE HOJE

CARLOS ROBERTO FIGUEIREDO NOGUEIRA
Universidade de São Paulo (Brasil)

Os estudos medievais no Brasil têm uma história recente. Em especial a História Medieval, inicialmente caudatária dos estudos sobre a Antigüidade, dos quais fazia parte como disciplina na cadeira História Antiga e Medieval, sobrevivia como um reduto de uns poucos estudiosos de latim e de grego. Situação desconfortável e obscura que o desenvolvimento dos estudos de História na Universidade irá resgatar, fazendo que o estudo da Idade Média deixe aos poucos o exotismo e o conservadorismo para ganhar um estatuto de disciplina autônoma e legítima.

A Universidade de São Paulo foi a pioneira nesta abertura para a medievalidade. Em virtude da fermentação crítica oriunda desta universidade, a história medieval no Brasil é uma história, em boa parte, «afrancesada». Em que pesem alguns esparsos estudos individuais, sua origem data da missão francesa que formou os primeiros catedráticos da Universidade de São Paulo.

Os franceses foram decisivos. Com a chegada de historiadores, em especial Fernand Braudel e depois Jean Gagé, os acadêmicos brasileiros passaram a conviver com a escola historiográfica dos *Annales*, o principal grupo de historiadores europeus responsáveis por uma enorme renovação histórica, capitaneados por Lucien Febvre, Marc Bloch e pelo já citado Fernand Braudel, sucessor de Febvre e Bloch. E mais contemporaneamente, a influência de Jacques Le Goff, que nos fez o favor de demonstrar para o restante dos historiadores e para nós mesmos medievalistas, a validade e a contemporaneidade da Idade Média. Tanto assim que a primeira tese de Doutorado defendida na Universidade foi a tese do futuro catedrático de História Antiga e Medieval, Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, *O comércio varegue e o Grão Principado de Kiev*, orientada por Jean Gagé e defendida em 1942.

Claro que se tratava de uma orientação um tanto fragmentada voltada para as preferências individuais de cada estudioso, o que fazia com

que as teses apresentadas percorressem um vasto leque de temas, períodos e regiões indo dos Bálcãs à Alemanha.

O mundo ibérico estava fora das preocupações dos medievalistas brasileiros, ainda fortemente comprometidos com uma «escola» francesa. Mas a grande viragem em direção aos estudos ibéricos ocorreu com a chegada do historiador Joaquim Manoel Godinho Braga Barradas de Carvalho (1920-1980) que talvez tenha sido o professor *estrangeiro* que mais deixou marcas de sua passagem.

Foi um intelectual que nos ensinou a aprimorar a pesquisa documental rigorosa, e nos aproximou dos clássicos portugueses. Por seu intermédio, conhecemos, enquanto História viva, as idéias de Jaime Cortesão, de Magalhães Godinho, de Antonio Sérgio, de tantos outros geniais escritores e pensadores portugueses. Seus estudos e pesquisas prosseguem depois em Paris, onde se doutorou em Estudos Ibéricos pela Universidade de Paris, Sorbonne, em 1961. Tema de sua tese: *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira. Barradas ficaria no Brasil até 1970, deixando ao partir, um legado: uma Cadeira de História Ibérica e no interior desta, a disciplina de História Ibérica Medieval.

Foi nesta disciplina que aprendemos a conhecer a documentação medieval da península e onde muitos tiveram o interesse despertado para uma Idade Média mais próxima das nossas origens históricas.

Contudo, um longo caminho foi trilhado da «impossibilidade alienada» até a «explosão» recente dos estudos medievais. Mesmo os trabalhos inspirados pela nova orientação francesa apresentavam-se como um mosaico de estudos esparsos e desarticulados, mas derivados de um «novo olhar» produzido pelas novas metodologias aprendidas com os visitantes estrangeiros, que se não instituíram uma articulação entre os estudiosos do Medievo, possibilitaram o aparecimento de trabalhos aprofundados e dotados de um rigor metodológico até então desconhecido.

Não poucos medievalistas começaram —como este autor— seus estudos de pós-graduação em outras áreas, por vezes limítrofes com a Idade Média, por vezes, com uma «temática medieval», para depois de doutorados, dedicarem-se mais aprofundadamente aos estudos medievais. Não era tarefa fácil. Não haviam bolsas de estudos para uma história que não fosse «engajada», que não tivesse estreita relação com o Brasil ou a América Latina contemporâneos.

Dos estudos medievais na USP saíram a quase totalidade dos principais medievalistas brasileiros que somados aos que obtiveram bolsas para uma formação no exterior possibilitaram a existência de cursos de pós-graduação em História Medieval.

Hoje felizmente os estudos chegaram à maioria, ganharam um reconhecimento da comunidade acadêmica nacional e internacional. O

primeiro resultado indicativo desta nova situação, foi o aparecimento da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), fundada em 1996 e do Grupo de Trabalho de História Medieval, integrante da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), criado em 1998, que tornaram-se foros que congregam os principais medievalistas brasileiros, realizando congressos bienais, bem como encontros regionais anuais. Em especial, o Grupo de Trabalho da ANPUH, conta com a participação de renomados medievalistas portugueses como Maria Helena da Cruz Coelho, da Universidade de Coimbra e Luís Adão da Fonseca, da Universidade do Porto entre outros.

Tentamos fazer um levantamento em curto espaço de tempo, de todas as universidades públicas e privadas onde houvesse uma tradição de pesquisa, como as Universidades Católicas e descobrir onde existiam orientadores, Centros e Núcleos de Estudo de História Medieval, destinados a promover a discussão em torno de temas, problemas e tendências de pesquisa em Estudos Medievais no Brasil. A primeira constatação é que orientadores e pesquisadores titulados, bem como centros e núcleos de pesquisa voltados para a Idade Média, concentram-se nas regiões Sudoeste, Sul e Centro-Oeste de nosso país.

No Norte e Nordeste brasileiros, mapeamos a ausência de centros desse tipo, até setembro de 2002, motivada quer por uma carência de investigadores titulados, derivada de uma instalação ainda recente dos cursos de humanidades, ou mesmo da acima citada «visão pragmática» e *presentista* que exclui a Idade Média dos currículos universitários. Ao que sabemos apenas a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e a Universidade Federal de Pernambuco, possuem docentes titulados na área de História Medieval.

Assim, a situação dos estudos medievais, em especial a História Medieval, apresenta-se da seguinte maneira:

Atualmente existem cinco Universidades com cursos de Mestrado e Doutorado em pleno funcionamento, com seus respectivos responsáveis pela orientação de monografias, teses e a pesquisa em História Medieval a saber:

— *Universidade de São Paulo*, que conta em seu setor de História Medieval com os seguintes orientadores: Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, Hilário Franco Júnior (aposentado), Jônatas Batista Neto (aposentado), José Roberto de Almeida Mello (aposentado), Nachman Falbel (aposentado) e Vitor Deodato da Silva (aposentado).

— *Universidade de Brasília*: Celso Silva Fonseca e Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

— *Universidade Federal Fluminense*: Vânia Leite Fróes.

— *Universidade Estadual Paulista – campus de Assis*: Maria Gua-

dalupe Pedrero-Sánchez (aposentada), Ruy de Oliveira Andrade Filho, Sidinei Galli (aposentado).

— *Universidade Federal do Rio de Janeiro*: Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, Francisco Carlos Teixeira da Silva, Francisco José Silva Gomes, Leila Rodrigues Roedel.

Outras cinco Universidades, contam apenas com o Mestrado, já consolidado ou em vias de consolidação:

— *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*: José Rivair Macedo.

— *Universidade Federal de Minas Gerais*: Daniel Valle Ribeiro (aposentado).

— *Universidade Federal de Goiás*: José Antônio Camargo Rodrigues de Souza.

— *Universidade Federal do Paraná*: Fátima Regina Fernandes e Renan Frighetto.

— *Universidade Estadual Paulista, campus de Franca*: Néri de Barros Almeida¹.

Também testemunho de uma maioria dos estudos medievais é o surgimento de Centros e Núcleos de Pesquisa de Estudos Medievais nas principais Universidades estatais do Sul e Sudoeste brasileiros. Congregando diversas áreas como História, Letras, Filosofia e Educação, os mais importantes encontram-se:

— Na Universidade Federal Fluminense, com o seu *Scriptorium*, voltado para os estudos medievais portugueses, o *SCRIPTORIUM* —Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos, desenvolve com um grupo de pesquisadores um projeto integrado Nação e Identidade— Práticas e Representações em Portugal (Séculos XIII-XVI), iniciado em março de 1999, sob a coordenação da Professora Doutora Vânia Leite Frões. Existindo como um núcleo de trabalho «Grupo de Estudos de História Medieval» desde 1988, produziu mais de 20 dissertações e teses. Atualmente abriga em torno de 15 pós-graduandos, entre mestrandos e doutorandos, além de quatro doutores com efetiva participação e bolsistas de Iniciação Científica. Inúmeros eventos nacionais e internacionais, já foram realizados por este laboratório, que mantém contatos e projetos de pesquisa com várias Universidades europeias.

— Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, contamos com 2 grupos de estudos medievais O *Pem* - Programa de Estudos Medievais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro coordenado pelas professoras Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva. Suas principais Linhas de Pesquisa:

¹ MACEDO, J. Rivair, Levantamento de teses e dissertações em Idade Média // Registros da Associação Brasileira de Estudos Medievais, Porto Alegre, 2002.

Família e Sexualidade, História da Literaturas e Sistemas Culturais, Imagens e Imaginário, Religião e Religiosidade e Sociedade e Poder.

Criado em 1991, tem caráter interdisciplinar como pode ser percebido pelas linhas de pesquisa que possui e reúne diversos projetos de pesquisa nas áreas de História Cultural, História Política e História Social. São os principais objetivos do Pem: estimular o intercâmbio entre medievalistas nacionais e estrangeiros; coordenar projetos e atividades de pesquisa de temas pertinentes à Sociedade Medieval; formar novos pesquisadores; promover discussões acadêmicas relativas ao Mundo Medieval;

— e também está se implantando o Laboratório Medieval (MEDIEVO) — sob a coordenação de Francisco José Silva Gomes;

— por fim, na Universidade de Brasília, existe um centro de estudos de História Medieval, sob os cuidados de Maria Eurydice de Barros Ribeiro;

Além dos núcleos institucionalizados desenvolvem-se grupos mais ou menos informais em torno a alguns pesquisadores, em um âmbito mais regional, a saber:

— na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, José Rivair Macedo, voltado ao estudo das formas, modalidades e especificidades das manifestações culturais e dos grupos sociais e exclusão social em meio urbano, em particular durante a Idade Média central e a baixa Idade Média na Península Ibérica (Portugal e Castela),

— na Universidade Estadual Paulista no *campus* de Assis, Maria Gualupe Pedrero-Sánchez e Ruy de Oliveira Andrade Filho, trabalhando no Núcleo de Estudos Antigos e Medievais com os estudos concentrados na Espanha Medieval.

Existem ainda outros grupos essencialmente interdisciplinares, além dos Grupos de pesquisa em História medieval no Brasil:

— um centro de estudos medievais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ligado ao departamento de teologia coordenado pelo professor Antonio Marchionni;

— o Grupo de Trabalho de Estudos Medievais, congregando docentes de diversas universidades, em especial a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e especialistas em distintas áreas de atuação, como História, Letras, Filosofia;

— o GEAM Grupo de Estudos Antigos e Medievais, de caráter interstadual, fundado a partir do departamento de Educação da Universidade Estadual de Maringá, dos departamentos de Letras e História da Universidade de Londrina, ambas localizadas no estado do Paraná e dos departamentos de História, Letras e Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina;

— um Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente fundado em outubro de 2002, pertencente ao Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, junto com o Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP;

e ainda, um grupo voltado para a obra de Raimundo Lúlio, o Grupo de Pesquisas Medievais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Por fim na Universidade de São Paulo, que apesar de não contar com um Centro de Pesquisa em História Medieval institucionalizado, é o grande centro de formação de medievalistas no Brasil, contando com 6 orientadores de teses. É claro que no restante do país, à exceção da Universidade de Brasília, a situação ainda é precária, em virtude das carências acadêmicas, ou da manutenção de uma perspectiva mais «engajada» e «presentista» da História.

Mas já pode-se contar com financiamentos das agências de fomento nacionais e ao contrário das décadas de 60 e 70, existe a possibilidade —ainda que reduzida em vista da falta de recursos governamentais para a concessão de bolsas— de obtenção de financiamento para um Doutorado no exterior. Também o advento da informatização, dos meios multimídia e da Internet, facilitam e barateiam o acesso à uma documentação antes restrita à consulta local, o que, possibilita um acesso às fontes, especialmente em investigações preliminares como nos casos de Iniciação Científica e das Monografias de Mestrado.

Assim formou-se um número bastante razoável, para o nosso país, de pesquisadores em Idade Média, garantindo inclusive um interesse crescente, não só dos especialistas, mas do público em geral que se traduzem em número razoável de publicações, seja de periódicos, seja de livros de medievalistas estrangeiros e nacionais não só por editoras universitárias, como a EDUSP, a EDUSC e a EDUNESP, mas também por consagradas casas publicadoras.

Este é em linhas gerais, o estado dos estudos medievais no Brasil de hoje. Um número bastante razoável de pesquisadores e orientadores, para a nossa realidade, uma multiplicação «quase bíblica» de núcleos e centros, em especial, nas regiões economicamente privilegiadas de nosso país.

Mas esta aparente exuberância não nos pode levar a cometer enganos ou juízos de valores apressados. Sabemos que há um longo caminho a ser trilhado. Esta «efervescência» dos estudos medievais é apenas um primeiro passo. Muito do deslumbramento em detrimento do rigor, da fantasia e dos modismos em detrimento de uma pesquisa aprofundada e de uma erudição necessária, precisam ser depurados, para que se possa constituir uma verdadeira «massa crítica» em nossas Universidades. Mas

acreditamos que tudo isso constitui um mal necessário, pois trata-se de chamar a atenção sobre a validade dos estudos medievais em terras brasileiras, bem como marcar uma posição que nos garanta o direito de cidadania em meio às várias áreas do conhecimento histórico.

... e a possibilidade de se estabelecer uma relação de causalidade entre a ocorrência de um determinado evento e a ocorrência de outro evento, o que é fundamental para a compreensão da natureza da causalidade. A causalidade é uma relação de dependência entre eventos, onde a ocorrência de um evento depende da ocorrência de outro evento. A causalidade é uma relação de dependência entre eventos, onde a ocorrência de um evento depende da ocorrência de outro evento.